

## 78 MORTES EM 2 MESES DE 78: UM CEMITÉRIO QUE VAI PRA FRENTES

"Até agora, nenhuma cidade do mundo conseguiu registrar número de crimes tão grande e tão crueis, num curto espaço de tempo, como o verificado na Baixada Fluminense. Somente este ano, foram encontrados 78 cadáveres, nos arredores dos subúrbios que circundam a cidade do Rio de Janeiro, todos eles com marcas de violência e torturas brutais. Dado o aumento do número de crimes e os requintes de violência a que são submetidas as vítimas, tudo leva a crer que a tendência é o recrudescimento ainda maior da brutalidade. Milhares de vidas já foram ceifadas, desde 1958, por esses grupos de extermínio. E as autoridades policiais parecem não dimensionar a gravidade do problema, limitando-se apenas a registrar, nos livros de ocorrência, o que classificam como simplesmente um crime de autoria desconhecida".

A matança, na Baixada Fluminense, há tempos vem ocupando as colunas de jornais, ganhando espaço também nos diáários estrangeiros, entre eles o *The New York Times*. A Baixada Fluminense, no seu aspecto social e humano, nasceu da imagem e semelhança do nordeste, pela origem da maioria dos forasteiros que para lá levaram suas lendas e costumes. Cresceu ao desamparo da lei. Muitas lutas ocorreram entre grileiros e posseiros. Os crimes predominaram por muito tempo e, com eles, sobreviveu o germe da violência.

Entre centenas de casos sem solução, nos anais da polícia fluminense foi registrado, em 20 de novembro de 1969, um que serve de marco para os crimes do

Esquadrão da Morte: até hoje não se tem notícia dos trabalhadores Manuel dos Santos, seu filho Dionísio e o genro Sebastião Ferro, desaparecidos como que por um encanto e cujos corpos não foram encontrados" ("Folha de S. Paulo", 5-3-1978).

A seguir, uma declaração da Igreja de São Paulo sobre a violência quase oficial, como método sacramentado de tratar o povo; o povo não, só os 100 milhões que estão por fora do investimento e do consumo. Mas antes, um apartezinho de nossa *Folha*: Por que imagem e semelhança de parentesco entre a violência e lendas e costumes do nordeste? Por que a insinuação de parentesco entre a violência e lendas e costumes do nordeste? Por que achincalhar a via-sacra do povo bom e ordeiro da Baixada com sociologias de botequim? Com certeza, as causas que estão atrás da violência na Baixada são as mesmas que obrigam nossos irmãos nordestinos a arrancar-se de suas raízes culturais, para escapar da fome, num ambiente que lhes é totalmente estranho. Agora o documento da Igreja de São Paulo:

"A Comissão Pastoral dos Direitos Humanos e dos Marginalizados, da Arquidiocese de São Paulo, divulgou ontem ("JB", 10-3-78) comunicado, protestando contra violências policiais nas últimas semanas, também na capital paulista. Tomando conhecimento das últimas violências oriundas do poder policial contra cidadãos de diversas camadas sociais:

1) Reitera suas ponderações divulgadas no documento *Violência contra os Humildes*, publicado em dezembro de 1977.

2. Solidariza-se com as vítimas dessas arbitrariedades, seus familiares, como também com as instituições que se levantaram em dezembro de 1977.

3. Pondera que essas violências não são apenas fruto de irresponsabilidade de autoridades subalternas do poder policial.

4. Considera, ao contrário, que uma violenta repressão vem se abatendo sobre o povo, a pretexto de manutenção da ordem e da segurança.

5. Relembra que o constatado aumento da criminalidade decorre basicamente da degradação crescente e generalizada das condições de vida do povo, submetido a constante e inescrupulosa pilhagem por parte dos poderosos.

6. Enfatiza que tais contradições não se resolvem com a violência, a prepotência, as arbitrariedades, a tortura e a morte, nem se mascaram pelas pretensas, esparsas e isoladas punições que, em geral, recaem sobre os subalternos.

7. Reafirma que a autoridade — servidor público — só se legitima quando recebe mandato do povo, quando exerce o poder em seu nome e se coloca a serviço de todos.

8. Verifica que a nação assiste estarrada a uma subversão do conceito e do desempenho da autoridade e constata que promoções, medalhas e honrarias são atribuídas a autoridades comprometidas com a violência e seus métodos reprovados.

9. Face a essa denúncia, convoca as comunidades eclesiás, para que decididamente concentrem seus esforços, no sentido de restabelecer os preceitos mínimos da dignidade humana em todos os níveis.

10. Julga indispensável que essas comunidades denunciem a hipocrisia, o cinismo e a mentira que vêm se implantando; e anunciem como solução para 'o mundo de todos os homens', o Senhor da História, Jesus Cristo, que nos leva ao Pai da verdade, na fraternidade e na união do Espírito de Deus".

### CATABIS & CATACRESES

### NEM ELE ENTENDE A NÓS NEM NÓS A ELE!

1. Para expressar o quase inexpressável, esta amena seção recorre por vezes à experiência do lusitano vate. A saber:
2. "Torvado vem na vista, como aquele / Que não se vira nunca em tal extremo; / Nem ele entende a nós nem nós a ele" (Lus 5,28).
3. Ora, considerando-se que toda tentativa de diálogo é necessariamente uma esperança de entendimento, mal compreendemos o doutor Portela quando

pronunciou o catabi seguinte (segundo o "JB", 11-03-78):

4. "O Senador Petrônio Portela... manifestou receios diante da possibilidade de que os candidatos a cargos eletivos, na obsessão pelo voto, radicalizem a campanha eleitoral, exacerbando o ambiente político, o que poderá provocar a aplicação do AI-5 no período que antecede o pleito".

5. É o caso: nem o doutor Portela entende a Democracia nem a Democracia entende o doutor Portela, certo? Do contrário nunca haveria esse descompasso entre a Democracia relativa e a obsessão do voto.

6. Porque no fundo no fundo o que decide na Democracia é mesmo o poder frágil do voto. Continuando Camões ibidem: "A nada disso o bruto se move". Quá, quá, quá, leitor amado idólatra. Chau.

## 9º DOMINGO DO TEMPO COMUM (04-06-1978)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: Longplay CELEBRAÇÃO DA LIBERDADE, Antônio Haddad, Ed. Paulinas.

### RITO INICIAL

#### 1 CANTO DE ENTRADA

- I** Vamos caminhar, vamos esperar / vamos procurar o caminho do Senhor!
1. O caminho do Senhor, meu irmão, é justiça, é amor.
  2. O caminho do Senhor, meu irmão, é paz, é liberdade.
  3. O caminho do Senhor, meu irmão, é união, é comunhão.
  4. O caminho do Senhor, meu irmão, é procura, é a hora.
  5. O caminho do Senhor, meu irmão, é certeza, é história.
  6. O caminho do Senhor, meu irmão, é luta, é compromisso.

#### 2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.  
S. Irmãos, a graça de Deus esteja com todos vocês, que amam nosso Senhor Jesus Cristo com fidelidade inabalável.  
P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

#### 3 SENTIDO DA MISSA

C. "Hoje dou a vocês oportunidade de escolher entre felicidade e desgraça: felicidade, se obedecerem os mandamentos do Senhor; desgraça, se se afastarem do caminho que estou mostrando e correrem para os deuses estranhos". A escolha, proposta por Moisés na grande admoestação ao povo de Deus, vale como instrumento de análise para os dias de hoje; o que pesa mais, em nosso mundo: a felicidade ou a desgraça? Respondam as notícias que vemos nos jornais. Falam, todos os dias, em crimes, tragédias, explorações e marginalização, egoísmo e miséria. O cristão sabe que tais maldades não são obra do destino nem falhas no plano de Deus; elas são soma e consequência das pequenas e grandes maldades cotidianas de todos nós; sobretudo daqueles que, pela posição e responsabilidade, têm maior poder de influência nos rumos da comunidade. O cristão, portador do Espírito que transforma a face da terra, escuta hoje outra admoestação, daquelas que não deixam dúvida: Não é aquele que diz: "Senhor! Senhor!" que entrará no Reino de Deus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus". Vontade do Pai é sinônimo de Plano de Deus: plano que Ele estabeleceu para o mundo. Olhou lá de cima e viu que tudo funcionava bem. Realmente, o mundo de Deus dá para todos e foi feito para todos. A infelicidade começa, quando fico com a parte de meu irmão, pois lhe roubo as condições de levar vida humana. Somos povo de Deus, escolhendo a bênção, quando nos dispomos a sermos ilhas de justiça e amor ao próximo, em meio ao imenso oceano de desamor e injustiças.

#### 4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, para nos tornarmos dignos de celebrar a Eucaristia, pão da vida e alimento da caridade, examinemos co-

mo temos mostrado aos irmãos nosso amor fraterno, como temos ajudado e servido nosso próximo. (Pausa para revisão de nossa vida).

Eu vim aqui, Senhor, pedir perdão e mais amor.

Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe nossos pecados e nos conduza à vida eterna. Aleluia!

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

#### 5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas, P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso, / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, / Senhor Deus, cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

#### 6 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, cuja providência jamais falha, reconhecemos a falsidade de pronunciarmos fé desinteressada e vivermos vida de interesses meramente pessoais. Nós vos suplicamos humildemente: ajudai a encontrarmos nosso lugar, no esforço cristão para extirpar, da convivência social, as consequências do pecado. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vossa Filha, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

### LITURGIA DA PALAVRA

#### 7 PRIMEIRA LEITURA

**L** C. A primeira leitura é tirada do Livro do Deuteronômio (11, 18.26-28). Estamos sempre tendo de optar entre paz de consciência e infelicidade: paz, se nos decidimos pelo Plano de Deus; infelicidade, se nos entregamos ao egoísmo.

L. Leitura do Livro do Deuteronômio: «Moisés continuou a falar ao povo: «Gravem profundamente em seus corações e em suas almas estas minhas palavras; amarrem-nas em suas mãos como sinal de lembrança; carreguem-na como faixa escrita ante os olhos. Escutem bem: hoje proponho a vocês a escolha entre a bênção e a maldição. Bênção, se vocês obedecerem aos mandamentos do Senhor Deus, os mandamentos que hoje lhes prescrevo. Maldição, se não obedecerem aos

mandamentos do Senhor Deus e se afastarem do caminho que hoje lhes mostro e seguirem os deuses estranhos que não são de vocês». — Palavra do Senhor. P. Glória a vós, Senhor.

#### 8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Vem, Senhor! Vem, Senhor! Vem libertar o teu povo!

1. Apesar da fome aguda e da sorte que não muda / sem casa pra morar e sem onde se empregar / este povo ainda espera a tua vinda.

2. Apesar de deprimido, por lutar sem ver sentido / fazer sem ter querido, por morrer sem ter vivido / este povo ainda espera a tua vinda.

3. Apesar do ateísmo e das marcas de egoísmo / da cobiça e da ambição e de tanta solidão / este povo ainda espera a tua vinda.

#### 9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Romanos (3,21-25a.28). O homem é aceito por Deus, não em função de observâncias externas de atos religiosos, mas em função de sua participação na vida e na missão de Cristo.

L. Leitura da carta de Paulo aos Romanos: «Irmãos, já foi revelada a maneira como Deus aceita os homens: nada tem a ver com a Lei. A Lei de Moisés e os profetas também dão testemunho disso: Deus aceita os homens por causa da fé que eles têm em Jesus Cristo. Deus aceita todos os que crêem, porque não existe diferença entre as pessoas. Todos pecaram e se afastaram da presença salvadora de Deus. Mas Deus, por sua graça, os aceita de volta sem exigir nada, através de Jesus Cristo, que é quem salva. Deus ofereceu Cristo como sacrifício, para Cristo, por sua morte, se tornar o meio de os homens receberem o perdão dos pecados, através da fé nele. Assim vemos que o homem é aceito por Deus somente pela fé e não por fazer o que a Lei manda». — Palavra do Senhor. P. Glória a vós, Senhor.

#### 10 ACLAMAÇÃO

**L** Verdade, liberdade! Verdade, liberdade!

Evangelho é mais justiça, evangelho é mais verdade / evangelho é mais liberdade, verdade, liberdade. / Alegria no Cristo Jesus, libertador de todo homem! / Alegria no Cristo Jesus, libertador do homem todo! / Verdade, liberdade!

#### 11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Mateus (7,21-27). Muitos dirão naquele dia: «Casamos na Igreja,

batizamos os filhos, fomos à missa, de-  
mos esmolas!" O Senhor responderá:  
"Não os conheço".

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo  
Mateus.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Jesus falou assim aos seus dis-  
cípulos: «Nem todo aquele que me  
chama «Senhor, Senhor!» entrará  
no Reino dos céus, mas somente  
aquele que faz a vontade do meu  
Pai que está nos céus. Quando  
aquele dia chegar, muitos vão di-  
zer: «Senhor, Senhor, em teu nome  
anunciamos a mensagem de  
Deus, em teu nome expulsamos de-  
mônios e fizemos milagres!» Então  
vou responder: «Eu não os conhe-  
ço. Saim de perto de mim vocês  
que praticam a maldade! Quem ou-  
ve estas minhas palavras e as põe  
em prática é como o homem sábio  
que construiu sua casa sobre a ro-  
cha. Caiu a chuva, os rios transbor-  
daram, sopraram os ventos e deram  
sobre a casa, mas ela não des-  
abou, porque estava construída so-  
bre a rocha. Mas o que escuta as  
minhas palavras e não as põe em  
prática é semelhante ao tolo, que  
edificou sua casa sobre areia. Caiu  
a chuva, os rios, transbordaram,  
sopraram os ventos e deram sobre  
a casa e ela desabou e a sua ruína  
foi grande». — Palavra da salva-  
ção. Louvor a vós, ó Cristo.

## 12 PREGAÇÃO

 (No fim, momentos de silêncio,  
para reflexão pessoal).

## 13 PROFISSÃO DE FÉ

 S. Creio em Deus Pai todo-  
poderoso,  
P. criador do céu e da terra. /  
E em Jesus Cristo, seu único Filho, nos-  
so Senhor / que foi concebido pelo po-  
der do Espírito Santo / nasceu da Vir-  
gem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos /  
foi crucificado, morto e sepultado /  
desceu à mansão dos mortos / ressuscitou  
ao terceiro dia / subiu aos céus /  
está sentado à direita de Deus Pai todo-  
poderoso / donde há de vir a julgar os  
vivos e os mortos. / Creio no Espírito  
Santo / na santa Igreja Católica / na  
comunhão dos santos / na remissão dos  
pecados / na ressurreição da carne /  
na vida eterna. Amém.

## 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, não é aquele que diz "Senhor,  
Senhor", que pertence ao Reino de Deus.  
Peçamos ao Pai que nos ajude a vencer-  
mos a imensa distância entre o que pro-  
fessamos com os lábios e vivemos com  
a vida:

L1. Pela Igreja de Cristo, para que se  
sinta responsável, não pela manutenção  
de exteriorismos religiosos, mas pela pre-  
sença do amor de Deus no meio dos ho-  
mens, rezemos ao Senhor.

L2. Para que nossas práticas religiosas  
externas não nos levem à presunção de  
estarmos justificados, mas motivem a

trabalharmos na construção do mundo  
melhor, rezemos ao Senhor.

L3. Pelos pobres do mundo e por todos  
aqueles que perderam a esperança de  
libertação, ao verem nossas práticas re-  
ligiosas, de um lado, e nossa dureza de  
coração, do outro, rezemos ao Senhor.

L4. Pelas intenções particulares desta  
santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. Senhor, ajudai a vencermos o demônio  
do egoísmo e fazei-nos entender fé  
cristã como força, presente em nós, de  
derrotarmos as maldades e transformar-  
mos o mundo na terra prometida de vos-  
sos filhos. Por nosso Senhor Jesus Cristo,  
vossa Filha, na unidade do Espírito Santo.  
P. Amém.

## LITURGIA EUCARÍSTICA

### 15 CANTO DO OFERTÓRIO



Aleluia! Aleluia!

1. Liberdade é o grito do amor.
2. Lutaremos contra toda opressão.
3. Liberdade é a mensagem do Senhor.
4. Ofertamos ao Senhor a liberdade.
5. Marcharemos pela estrada da verdade.
6. Celebraremos a justiça e a paz.
7. Liberdade, liberdade, liberdade!

### 16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o  
nosso sacrifício seja aceito por  
Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este  
sacrifício / para a glória do seu nome /  
para o nosso bem e de toda a santa Igreja.  
S. Confiados, ó Deus, no vosso amor de  
Pai, acorremos ao altar com nossas ofe-  
rendas; dai-nos, por vossa graça, sermos  
purificados do egoísmo, pela Eucaristia  
que estamos celebrando. Por nosso Se-  
nhor Jesus Cristo, vossa Filha, na uni-  
dade do Espírito Santo. P. Amém.

### 17 PREFÁCIO (próprio)

1. Santo: és tu, Senhor e Deus do uni-  
verso / aquele Deus que guia a nossa  
vida / pelos caminhos da justiça e paz /  
levando os homens todos à unidade.
2. Santo: és tu, Senhor, amigo e Pai  
dos homens / aquele Deus que agora  
vai dizer: / sou o amor e quero o amor  
na terra, / a transformar e alimentar  
meu povo.
3. Santo: és tu, Senhor, no Cristo que  
ensinou / que os homens todos devem  
ser irmãos / e que a justiça ainda aqui  
na terra / precisa ser segundo o evan-  
gelho.
4. Santo: pra sempre santo, és tu, Se-  
nhor da nossa história, / a ti louvar  
e toda honra e toda glória / agora e  
sempre e por toda a eternidade / e a  
todos nós a comunhão no teu amor.

### 18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Compete ao sacerdote somente.  
Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Salve, ó cruz, única esperan-  
ça! Salve, ó cruz, única certeza!  
Salve, ó cruz, sinal da vitória!  
Olhai pra nós, Senhor, salvai-nos!

### 19 CANTO DA COMUNHÃO



1. Felizes os pobres: deles é o  
Reino de Deus. / Felizes os afli-  
tos: serão consolados. / Felizes  
os mansos: possuirão a terra. / Felizes

os sedentos de justiça: serão plenifica-  
dos. / Assim disse o Senhor Jesus.  
Esta ceia que agora celebramos é um  
risco pra mim e pra você. / Vivendo o  
Sermão da Montanha, comendo a Carne  
do Senhor, / tentaremos reconstruir nos-  
sa vida no amor.

2. Felizes os misericordiosos: alcançarão  
misericórdia. / Felizes os puros: verão  
a Deus vivo. / Felizes os que lutam pela  
paz: serão os filhos de Deus. / Felizes  
os injustiçados: deles é o Reino de Deus.  
/ Assim disse o Senhor Jesus.

3. Felizes quando vos caluniarem: por  
causa de mim. / Alegrai-vos e exultai:  
a recompensa será grande. / Persegui-  
ram a mim e aos profetas: assim será  
convosco. / Este é o Sermão da Monta-  
nha: o novo critério do cristão. / As-  
sim disse o Senhor Jesus.

### 20 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Senhor Deus, orientai  
com vosso Espírito os que  
acabastes de alimentar com o  
Corpo e Sangue de vosso Filho. Saibam  
os proclamar nossa fé, não só através  
de palavras, mas na verdade da vida coti-  
diana. A fidelidade, entre o que pro-  
fessamos como nossa fé e o que vivemos  
como nossa vida, aumente a força deste  
povo na execução das tarefas de vosso  
Reino. Por nosso Senhor Jesus Cristo,  
vossa Filha, na unidade do Espírito Santo.  
P. Amém.

## RITO FINAL

### 21 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de in-  
teresse para a comunidade):  
C. Qual o papel do cristão, no  
mundo povoado de egoísmo e desamor?  
Praticar os ritos externos da religião?  
Submeter-se a sacramentos e desincum-  
bir-se de mandamentos? Garantir a sal-  
vação pessoal, no cumprimento indivi-  
dual de leis religiosas? Tradições e prá-  
ticas, mesmo religiosas, podem ter a fi-  
nalidade inconsciente de conforto pró-  
prio e legitimação de situações adquiri-  
das. Conhecendo melhor que nós as moti-  
vações profundas, o Espírito de Deus  
nos fala pelo apóstolo Paulo: "O homem  
é aceito por Deus, não por causa da prá-  
tica externa da Lei religiosa, mas por  
causa da fé em Jesus Cristo". A prova  
de estarmos participando nos planos de  
Deus não são nem milagres, quanto me-  
nos a prática rotineira de exteriorida-  
des. Cristo deixa claro: uma coisa é es-  
cutar e aceitar, compreender e profes-  
sar com os lábios; outra coisa é pôr em  
prática, na vida.

### 22 CANTO FINAL

Comece em sua casa a viver o amor /  
o amor que liberta, o amor do Senhor.  
Vocês já sabe onde está o seu irmão. /  
Vocês já sabe repartir o pão. / Vocês já  
sabe caminhar bem lado a lado. / Co-  
mece agora em sua casa.

### 23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.  
P. Ele está no meio de nós.  
S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai  
e Filho e Espírito Santo. P. Amém.  
Ide em paz, ide em paz, meus irmãos,  
e anunciai ao mundo inteiro / que o Se-  
nhor é amor! Demos graças a Deus.

**IGREJA BRASILEIRA: FALTA DE IDENTIDADE**

1. Meio consolo, meio deboche, o policial acrescentou para a dama exasperada: «Madame, assalto a turista naquele lugar é comum, principalmente no carnaval». Falou e disse. E para exemplo persuasivo contou a história de madame francesa que três semanas antes foi ali mesmo assaltada pelos pivetes. Estava na Almirante Alexandrino olhando a paisagem deslumbrante do Rio, quando os pequenos marginais deram uma incerta e depenaram a mencionada madame. Mas levaram tudo mesmo. E se mandaram.

2. Dona Rachel Jacoba Lavrence procura entender. Não entende o português do policial e muito menos a filosofia turística do assalto. Estava com o marido embevecida da paisagem carioca, aquele mundo fervilhante, aquelas ruas e praias inconfundíveis, aquelas montanhas e baías, aquelas florestas e aqueles céus, quando um bando de garotos famintos e selvagens, vindos do nada, caem sobre eles. Com golpes certeiros os derrubam. E levam jóias e dinheiro. E voltam ao nada invisível de onde surgiram.

3. Dona Rachel e o marido correm à Polícia. Dão parte. Fazem-se entendidos. Dona Rachel, abalada e frustrada, ainda soube ser pétreica: «Pareciam um enxame de abelhas». A Polícia agiu com presteza. Daí a pouco estava de volta com os pertences roubados. O casal agradece mas promete nunca mais voltar a essa terra de selvagens. Dirão isto a todos os amigos da Inglaterra, certo? Nossos brios estrilam. Ou doridos perguntamos: e os pivetes? quem é que forma pivetes? (A. H.).

**LEITURAS PARA A SEMANA:**

Segunda-feira: 2Pd 1,1-7; Mc 12,1-12 / Terça-feira: 2Pd 3,12-15a.17-18; Mc 12,13-17 / Quarta-feira: 2Tm 1,1-3.6-12; Mc 12,18-27 / Quinta-feira: 2Tm 2,8-15; Mc 12,28b-34 / Sexta-feira: 2Tm 3,10-17; Mc 12,35-37 / Sábado: 2Tm 4,1-8; Mc 12,38-44 / Domingo: Os 6,3b-6; Rm 4,18-25; Mt 9,9-13.

A Folha: Terminando esta série de entrevistas sobre a Igreja Brasileira e as congregações que dela se derivaram direta ou indiretamente, como é que o senhor vê a Igreja Brasileira?

D. Adriano: Falta à Igreja Brasileira uma identidade própria. Pelo menos o que dela aparece é tão confuso, tão inconsistente, tão contraditório, tão vago, tão marcado pelo imediatismo, tão imitado da Igreja Católica, que se torna muito difícil caracterizá-la. Por falta de coesão doutrinal há na Igreja Brasileira um princípio interno de desagregação. Há uma tendência marcante de todos os "padres" serem independentes e, para alcançarem esta independência, de se tornarem "bispos".

Qual é a formação que se exige para a ordenação de padres" ou de "bispos"? Praticamente nada de importante. É curioso que muitos dos "padres" e "bispos" da Igreja Brasileira e derivados tentaram um seminário ou um convento católicos. Alguns tentaram vários seminários da Igreja Católica. E na ânsia de um impossível sacerdócio na Igreja foram a um bispo da Igreja Brasileira e facilmente foram ordenados. A uma pergunta minha como era a formação dos futuros padres, um "bispo" respondeu: "Nossos estudos são os mesmos da Igreja Romana: depois do curso secundário, três anos de Filosofia e quatro de Teologia". Como eu insistisse, na base de informações fidedignas, se isto de fato acontecia, explicou: "Por ora ainda não. A necessidade de termos um clero numeroso em todos os pontos importantes do país nos leva a uma solução de emergência. Nossos candidatos são ordenados depois de um curso intensivo de Teologia que dura um mês". Não posso dizer se isto era a exceção.

A Folha: Também quanto aos "sacramentos" não há doutrina aceita?

D. Adriano: Realmente, não existe uma disciplina dos sacramentos. Cada "bispo" e cada "padre" faz o que bem entende. Não se dá nenhuma formação ou preparação aos fiéis: distribuem-se os

sacramentos "rendosos" — batismo, matrimônio, crisma — sem o menor critério, sem qualquer exigência, a preços exorbitantes. Justamente num tempo em que a Pastoral da Igreja Católica se esforça em dar aos sacramentos o valor eclesial que devem ter, e por isto damos aos fiéis uma preparação próxima para os sacramentos do batismo, do casamento, da crisma, da primeira comunhão, os "bispos" e "padres" da Igreja Brasileira e derivados nada fazem neste sentido, pelo contrário anunciam por vezes ostensivamente: "batizados sem preparação", para assim atraírem aqueles católicos que querem apenas a cerimônia externa do batismo.

A Folha: O senhor podia citar ainda outros aspectos?

D. Adriano: Na Igreja Brasileira e derivados não há nenhum impulso apostólico. Sua força motriz é a vontade de imitar e de concorrer com a Igreja Católica (que eles chamam de Igreja Romana), em seus aspectos externos, na intenção confessada de suplantá-la. A fraca e rara literatura da Igreja Brasileira não tem preocupações pastorais no sentido da construção do Reino de Deus. É uma literatura geralmente polêmica, de ataque à Igreja Católica, no estilo do século passado. Ou então uma literatura apologética e panegírica dos próprios méritos. — Não há unidade de doutrina e de disciplina. Já falei do princípio de desagregação. Por qualquer restrição o "padre" se revolta contra o "bispo", o "bispo" contra o "bispo-príncipaz", cada um procurando os seus interesses imediatos e por isto seguindo o seu caminho. — Também não há esforço de criar a própria identidade, a não ser pela imitação da Igreja Católica com a qual pensam concorrer. Aqui pensamos na famosa "canonização" do Pe. Cícero com as promessas de "canonizarem" Feijó, Ancheta, etc. — Terminando, penso que indiretamente a Igreja Brasileira e derivados nos têm forçado a uma reflexão séria sobre aspectos secundários da Pastoral tradicional. Com fruto para a renovação pastoral.

**LITURGIA & VIDA****A INSTRUÇÃO GERAL**

O novo Missal — novo pela disposição, pela riqueza, não pelo conteúdo básico — é introduzido por uma Instrução Geral.

Já sabemos: a Instrução Geral oferece ao leitor uma visão profunda e grandiosa da Liturgia em geral e de modo especial da Eucaristia, como sacrifício e banquete da Igreja. Aproveitando os textos das Constituições "Sacrosanctum Concilium", que trata da Liturgia, e "Lumen Gentium", que trata da Igreja, a Instrução resume a doutrina tradicional

sobre a Eucaristia, sobre a Liturgia, sobre a Santa Missa, sem diminuir nem omitir nenhum elemento essencial. É um resumo perfeito, embora a tradução portuguesa oficial, por ser muito literal, não nos dê esta impressão.

Nos próximos números de "A Folha" vamos tentar uma tradução livre mas fiel da Instrução Geral — ao menos os parágrafos mais atuais — com a perspectiva de uma reflexão em grupo. Daí as perguntas que acrescentaremos.